



## **“Por Mar” - Jaime Vasconcelos**

19 Novembro 2011/ 5 Janeiro 2012

Galeria das Salgadeiras

Conta-me histórias. De uma sereia que encanta os marinheiros. De uma baleia, de seu nome Moby Dick, que contrariando o romance de Herman Melville, dá à costa e entrega-se ao marinheiro. De uma tempestade no mar. De um barco que vai em direcção ao fim do mundo, qual fascinante vertigem dos navegadores dos Descobrimentos. Do Kraken, esse monstro marítimo liberto pelos deuses gregos para castigar os homens da sua insolência. Conta-me histórias.

Estórias, lendas, mitos («O mito é o nada que é tudo» de Fernando Pessoa, poema Ulisses in Mensagem) que durante séculos habitaram os imaginários dos povos, e que são, agora, recuperados e re-interpretados por Jaime Vasconcelos com a sua sensibilidade plástica e romântica. Do ponto de vista do conteúdo e da motivação, a série «Por Mar» aproxima-se sobremaneira do Romantismo do século XVIII, de Goya a Delacroix, nessa invocação da Natureza que, como defendia Kant, suscitava a emoção sublime, e em nome da qual os românticos amaram a liberdade. Um sublime, uma transcendência da tragédia e das trevas, visto à luz da contemporaneidade, recorrendo necessariamente a outros métodos e suportes, que, porventura, na sua essência não se afastam assim tanto daquilo que caracterizou este período da História de Arte. É, aliás, de realçar que nas teorias mais contemporâneas o sublime assume outras formalidades como defende, a título de exemplo, J. F. Lyotard «que atribui ao sublime um papel fundamental na teoria de vanguarda, como rejeição da dimensão figurativa e tensão não resolvida para o irrepresentável»<sup>1</sup>.

Porém, «Por Mar» apresenta-nos uma nova fase do percurso artístico de Jaime Vasconcelos e reforça a sua abordagem à expressão digital, um caminho iniciado em 2007 e que se tem pautado pela utilização da fotografia como matriz do processo de criação, mais do que uma ferramenta per si. Ao cromatismo e à textura que

---

<sup>1</sup> in Dicionário de Estética. Gianni Carchia e Paolo D’Angelo. 1999. Edições 70

encontrávamos nas séries «Viagens», «De Passagem» e «A Raia», junta-se uma outra camada de forte cariz gestual — desenhos ou aguadas — na busca de uma certa imperfeição, da “fiscalidade” da mão e dos dedos, da hesitação que, pelo menos por ora, só linha traçada na folha ou na tela consegue inculcar e transmitir. Acresce-se, então, o gesto, esse momento em que a realidade fotografada é desconstruída, dando origem a novas formas e narrativas. Jaime Vasconcelos continua, portanto, a explorar outros elementos nestas suas composições digitais que se encontram, em termos formais, entre a Fotografia, a Pintura e a Gravura, reforçando uma das questões teóricas da Arte Contemporânea e que se prende com a transversabilidade das diferentes expressões artísticas. Esta série fala-nos também do tempo e do efémero, ainda que, num aparente paradoxo, assente num dos temas mais clássicos da História de Arte — a Paisagem, em concreto com a temática do Mar—. A passadeira de peões enquanto matriz da composição representa, por um lado, a erosão e a passagem do tempo, e, por outro, como que congela um instante, decisivo ou decidido, de que Jaime Vasconcelos se apropria e transforma. Um encontro fortuito, um acaso, a acção da natureza, regressando uma vez mais aos românticos, ou a acção humana que tornam aquela passadeira diferente a cada dia e que, registada em determinada condição, induz ou revela uma história. Ou múltiplas, a que Jaime Vasconcelos sugere e as que cada um de nós irá imaginar, dando liberdade a essa “louca da casa”, como assim chamava Santa Teresa de Jesus à imaginação.

Ana Matos

Lisboa, Novembro de 2011



## **“By Sea” - Jaime Vasconcelos**

19 November 2011/ 5 January 2012

Galeria das Salgadeiras

Tell me tales. Of a mermaid that allures sailors. Of a whale, Moby Dick of his name, that opposing the novel by Herman Melville, comes to ashore to give himself up to the sailor. Of a sea storm. Of a ship heading towards the end of the World, that fascinating vertigo of Discoveries sailors. Of the Kraken, that sea monster unleashed by the Greek Gods to punish men for their insolence. Tell me tales.

Stories, legends, myths («The myth is the nothing that is everything» by Fernando Pessoa, in the “Ulisses” poem in “Mensagem”) which throughout centuries dwelled imaginaries of people, and which are now brought back and re-interpreted by Jaime Vasconcelos with his plastic and Romantic sensibility. From the point of view of content and motivation, the «By Sea» series is extremely close to the Romanticism of the 17th century, from Goya to Delacroix, in that invocation to the Mother Nature that, as Kant argued, called forth the sublime emotion, and on which behalf Romantics cherished freedom. A sublime, a transcendence over tragedy and darkness, seen at the light of contemporaneity, resorting necessarily to other methods and supports which, by chance, do not stand, in their essence, too far away from what characterized this period of the History of Art. It is, by the way, of noteworthy that in the most contemporary theories the sublime adopts other formalities as argues, for example, J. F. Lyotard «who assigns a fundamental role to the sublime in the Avant-Garde theory, as rejection of the figurative dimension and the unresolved tension for the irrepresentable»<sup>2</sup>.

Yet, «By Sea» presents us a new stage in Jaime Vasconcelos’ artistic path and reinforces his approach to the digital expression; a path started in 2007 and that has been ruled by the use of photography as matrix of the creative process, more than a tool per se. To the colouring and texture which we found in the series of «Viagens», «De Passagem», and «A Raia», it is added one other layer of strong gestural nature – drawings or

---

<sup>2</sup> in Dicionário de Estética. Gianni Carchia e Paolo D’Angelo. 1999. Edições 70

watercolour – in search of some imperfection, of the “physicality” of the hand and fingers, of the hesitation that, at least for now, only the drawn line on paper or on canvas attains to instill and convey. It is added, then, that moment on which the photographed reality is deconstructed, giving rise to new shapes and narratives. So, Jaime Vasconcelos continues exploring other elements on these digital compositions of his which situate, in formal terms, among Photography, Painting, and Engraving, reinforcing one of the theoretic questions of the Contemporary Art that has to do with the transverseness of different artistic expressions.

This series also tell us of time and ephemeral, even though, in an apparent paradox, based on in one of the most classical themes of the History of Art: the Landscape, in particular through the theme of the Sea. The pedestrian crossing as composition matrix represents, on the one hand, the erosion and passage of time, and on the other hand, as if froze a moment, decisive or decided, that Jaime Vasconcelos takes possession and transforms. A fortuitous encounter, a coincidence, Mother Nature (returning once more to the Romantics) or Human actions which turn that one pedestrian crossing daily different and that, captured in a determined condition, induces or reveals a story. Or multiple ones, the one that Jaime Vasconcelos suggests and the ones that each one of us will imagine, giving freedom to that “crazy one in the house”, as St. Teresa of Jesus called to the imagination.

Ana Matos

Lisboa, November 2011